



ÓRFÃOS

ALÊ MOTTA

O pai do Valério morreu de câncer. O pai do Sílvio morreu de infarto. O pai da Celeste foi atropelado em Copacabana. O pai do Joca se jogou da ponte. O pai do Milton morreu de velhice. O pai da Maria morreu de susto – um assalto na Avenida Brasil. O pai do Guilherme foi uma bala perdida no Andaraí. O pai da Glória morreu esmagado por um caminhão na obra de um shopping. O pai do Soares morreu num acidente de carro na Dutra. O pai da Lenice morreu esfaqueado num bar em Campo Grande. O meu pai foi comprar cigarro e voltou.



A PORTA FECHADA

ALÊ MOTTA

Eu e meus muitos primos costumávamos passar todas as férias na casa da nossa avó. Ela morava numa cidade muito pequena. A casa começava numa varanda comprida e terminava num quintal bagunçado.

Brincávamos o tempo todo. Por todo lado. Mas nunca conseguimos descobrir o que acontecia no fundo do quintal. Na casinha de pedra com a porta fechada.

Sai daí, menino.

Eu perguntava. Ninguém dizia nada. Meus primos perguntavam. Ninguém dizia nada. Tentamos abrir e nunca conseguimos.

Voltava das férias e esquecia da porta. Voltava nas férias e só pensava na porta. O mistério da minha infância.

Cresci. Acabaram as férias com meus primos. Estudei. Casei. Tive filhos. Separei. Um bom emprego. Minha avó morreu. Fiquei com a tarefa de vender a propriedade e dividir o valor com os netos. Fui para a cidadezinha. Caminhei até sua casa. Angustiado. Ansioso.

Atravessei a varanda comprida, o meio da casa e cheguei sem fôlego ao quintal. A casa de pedra. A porta fechada. Encostei a mão na maçaneta. Sem resistência a porta abriu. Arrepiei corpo inteiro. Dei um passo para dentro da casinha. Tudo ficou embaçado. Uma dor que vinha sei lá de onde invadiu meus braços, pernas, costas. Encurvei até o chão.

Se eu estivesse vivo ouviria o burburinho dos meus primos no meu enterro. Todos animados com o mistério desvendado.